

ESTUDOS ARQUEOLÓGICOS DE OEIRAS

Volume 20 • 2013

CARLOS RIBEIRO (1813-1882)

GEÓLOGO E ARQUEÓLOGO

Homenagem da Câmara Municipal de Oeiras
e da Academia das Ciências de Lisboa
nos 200 anos do seu nascimento



ACADEMIA DAS CIÊNCIAS
DE LISBOA

Editor Científico: João Luís Cardoso

CÂMARA MUNICIPAL DE OEIRAS

2013

Estudos Arqueológicos de Oeiras é uma revista de periodicidade anual, publicada em continuidade desde 1991, que privilegia, exceptuando números temáticos de abrangência nacional e internacional, a publicação de estudos de arqueologia da Estremadura em geral e do concelho de Oeiras em particular.

Possui um Conselho Assessor do Editor Científico, assim constituído:

- Dr. Luís Raposo (Museu Nacional de Arqueologia, Lisboa)
- Professor Doutor João Zilhão (Universidade de Barcelona e ICREA)
- Doutora Laure Salanova (CNRS, Paris)
- Professor Doutor Martín Almagro Gorbea (Universidade Complutense de Madrid)
- Professor Doutor Rui Morais (Universidade do Minho)

ESTUDOS ARQUEOLÓGICOS DE OEIRAS

Volume 20 • 2013

ISSN: 0872-6086

EDITOR CIENTÍFICO - João Luís Cardoso
DESENHO E FOTOGRAFIA - Autores ou fontes assinaladas
PRODUÇÃO - Gabinete de Comunicação / CMO
CORRESPONDÊNCIA - Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras
Fábrica da Pólvora de Barcarena
Estrada das Fontainhas
2745-615 BARCARENA

Os artigos publicados são da exclusiva responsabilidade dos Autores.

Aceita-se permuta
On prie l'échange
Exchange wanted
Tauschverkehr erwünscht

ORIENTAÇÃO GRÁFICA E

REVISÃO DE PROVAS - João Luís Cardoso e Autores

PAGINAÇÃO, IMPRESSÃO E ACABAMENTO - Pentaedro, Lda. - Tel. 218444340

DEPÓSITO LEGAL N.º 97312/96

A OCUPAÇÃO DA IDADE DO FERRO DA LAPA DO FUMO (SESIMBRA)

Ana Margarida Arruda¹ & João Luís Cardoso²

1 - INTRODUÇÃO



Fig. 1 – Lapa do Fumo. Vista da entrada, situada m cornija calcária ocupando o topo da encosta meridional da Arrábida, dominando o mar. Foto tirada em 1957, aquando da realização dos primeiros trabalhos na gruta, pouco depois da identificação do seu interesse arqueológico (Agosto de 1956). Caderno de campo de Eduardo da Cunha Serrão. Arquivo do Museu Nacional de Arqueologia.

A Lapa do Fumo (Sesimbra) é uma cavidade cársica aberta nos calcários jurássicos da serra dos Pinheirinhos, pertencente ao maciço da Arrábida, ocupando posição culminante na crista de relevos que dominam a encosta meridional daquela linha de relevos, debruçada directamente sobre o Oceano, a cerca de 217 m de altitude (Fig. 1).

¹ UNIARQ – Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa.

² Universidade Aberta (Lisboa) e Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras (Câmara Municipal de Oeiras).

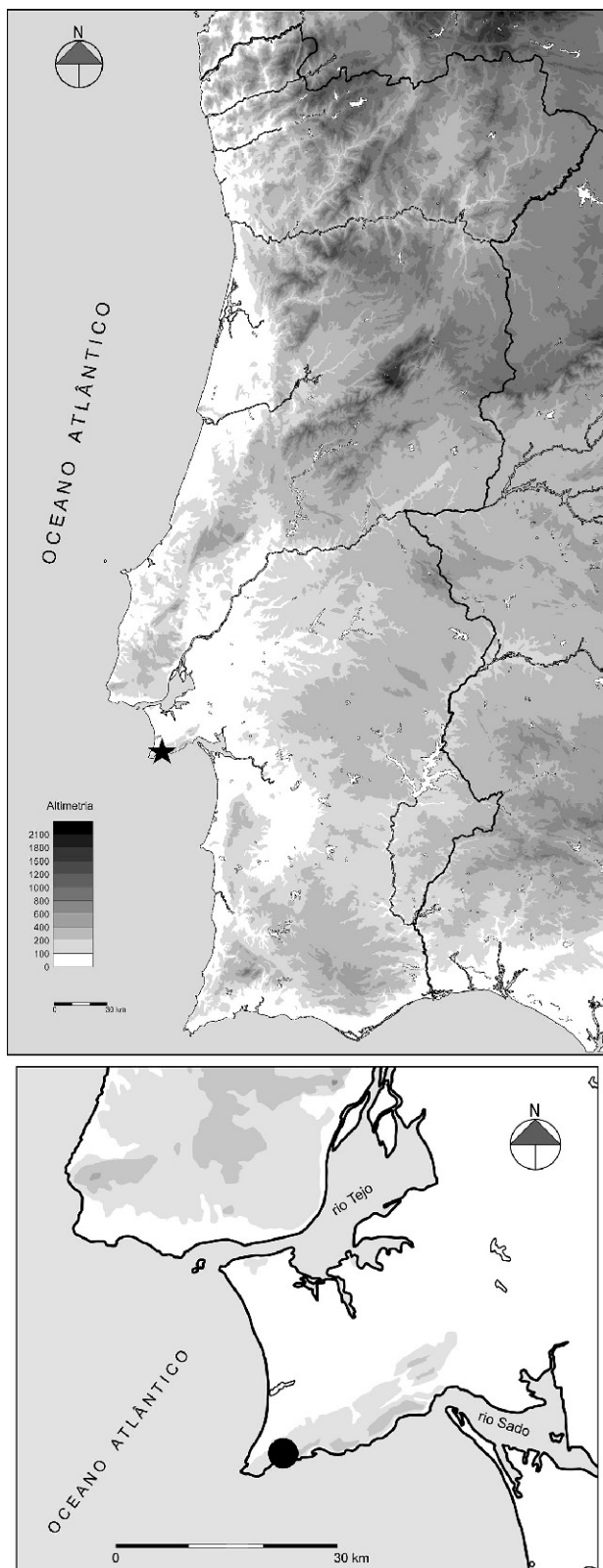


Fig. 2 – Lapa do Fumo. Localização geográfica.

Possui as seguintes coordenadas geográficas, lidas na Carta Militar de Portugal, na escala de 1/25 000, folha 464: M – 111,6; P – 163,2 (Fig. 2).

O seu interesse arqueológico foi reconhecido por Eduardo da Cunha Serrão em Agosto de 1956, e, ainda nessa década, ali se realizaram diversas campanhas de escavação, que se prolongaram pela seguinte, com um interregno entre 1960 e 1964, tendo sido asseguradas por diferentes equipas, mas sempre dirigidas por Eduardo da Cunha Serrão. O Arq. Gustavo Marques teve actuação predominante a partir de 1964, progressivamente independente do primeiro, o que explica a existência de um assinalável espólio que conservou em sua posse. Este foi depositado pela família, depois do seu passamento, no Museu Nacional de Arqueologia. Foi ali que o segundo signatário iniciou o seu estudo, que prossegue actualmente no Museu Municipal de Sesimbra, para onde tais espólios foram recentemente transportados, juntando-se aos que já ali se conservavam, das primeiras escavações da década de 1950.

No decurso do referido estudo, surgiram fragmentos cerâmicos da Idade do Ferro, alguns deles de assinalável raridade, que corporizavam uma ocupação cuja importância permanecia por caracterizar e valorizar como merecia. Impunha-se, assim, o seu estudo tipológico detalhado, para o qual foi solicitada a colaboração da primeira signatária. É o resultado desse trabalho conjunto que agora se apresenta.

2 – REFERÊNCIAS ANTERIORES À IDADE DO FERRO E CONDIÇÕES DE JAZIDA DOS RESPECTIVOS ESPÓLIOS

São poucas as informações quanto à posição estratigráfica e, muito menos, quanto à localização, dos espólios da Idade do Ferro, comprovando a pouca importância que lhes foram atribuídos pelos exploradores da gruta, centrados na investigação das suas ocupações pré-históricas. Com efeito, no que se refere às curtas referências publicadas, os materiais cerâmicos da Idade do Ferro são apresentados conjuntamente com as escassas produções romanas, ou

mesmo confundidos com estas, limitando-se os autores a mencionarem, excepcionalmente, um ou outro tipo de produções, mais relevante. Esta realidade decorreu em parte da falta de conhecimento que então se tinha, em Portugal, de tais produções e, conseqüentemente, da pouca atenção que as mesmas mereciam por parte dos arqueólogos.

Tal realidade explica que, em algumas publicações ulteriores às dedicadas pelos autores das escavações à apresentação dos resultados, a referência a espólios sidéricos na Lapa do Fumo é mesmo omissa ou feita interrogativamente: é o caso das obras de Arqueologia regional “Arqueologia da Arrábida” (SILVA & SOARES, 1986) e “Património arqueológico do distrito de Setúbal; subsídios para uma carta arqueológica” (MARQUES & MOTA, coord., 1993), realidade que persistiu até hoje. Com efeito, a obra “O tempo do Risco. Carta arqueológica de Sesimbra” (AAVV, 2009) mantém tal lacuna de informação, de uma forma assaz difícil de compreender, uma vez que a simples observação visual dos materiais da estação, já então acessíveis ou em curso de estudo, facilmente esclareceria, pela afirmativa, tal dúvida, para já não falar da consulta a publicações, algumas produzidas pela própria Câmara Municipal de Sesimbra, como um guia policopiado editado pelo Museu Municipal de Sesimbra em inícios da década de 1980 (C.M.S., s/d), no qual a presença sidérica é claramente referida.

Fazendo uma retrospectiva das parcas referências a materiais sidéricos da Lapa do Fumo, verifica-se que a primeira é a menção à sua simples existência, articulando-os com a necrópole da II Idade do Ferro do Casalão (SERRÃO & MARQUES, 1971, p. 123). Neste trabalho, sem dúvida o que melhor documenta os resultados arqueológicos obtidos na estação, apesar de se debruçar apenas sobre uma das ocupações ali registadas, a necrópole do Neolítico Final associada ao ritual do ocre vermelho, refere-se que os depósitos superficiais, até 0,60 m de profundidade, no sector de onde provêm os espólios agora dados a conhecer, integravam cerâmicas “dos mais diversos tipos (pré-históricos, proto-históricos e históricos” (*Ibidem*, p. 126), correspondendo às camadas Ia e Ib da sequência estratigráfica descrita, explicando-se as misturas de espólios de épocas distintas por remeximentos de diversas épocas.

Sucedese a obra de síntese apresentada pelo responsável pelas escavações ali realizadas (SERRÃO, 1975, p. 218), onde, da mesma forma, apenas se menciona a existência de tais materiais: “...Outros achados feitos na Lapa do Fumo preenchem o período situado entre o Bronze Final e a ocupação romana (entre outros tipos, cerâmicas com decoração estampilhada, ou com faixas paralelas vermelhas pintadas, um fragmento ainda evocando os estilos ibéricos com ornatos pintados, e alguns restos de fíbulas do tipo das do Hallstatt final (...).” Contudo tais materiais, tanto cerâmicos como metálicos, jamais foram publicados e, se podemos associar com segurança os primeiros àqueles que agora se apresentam, já quanto aos metálicos, a sua ausência no Museu de Sesimbra impede de confirmar a sua efectiva presença na estação, sendo provável que a referência de E. da Cunha Serrão possa não corresponder a tal tipo de objectos.

O mesmo autor, em artigo publicado em 1978 (SERRÃO, 1978), volta a referir que, nas camadas superiores da sequência estratigráfica, e em bolsas abertas em várias épocas, se recolheram cerâmicas ulteriores ao Bronze Final, comprovativas da frequência da gruta na Idade do Ferro, no Período Romano e nos tempos medievais. Enfim, na última publicação em que Eduardo da Cunha Serrão descreve a estação, o qual veio a lume postumamente (SERRÃO, 1994), o autor precisa a natureza de tais cerâmicas, por ele consideradas raríssimas: são as já mencionadas cerâmicas com bandas vermelhas, que atribuiu a vasos de tipo ibérico, a par de taças de cor cinzenta escura que lhe lembraram as taças por ele exumadas no cemitério de inumação da II Idade do Ferro do Calhariz. Nada diz, porém, quanto ao essencial das produções cerâmicas da Idade do Ferro, que vieram a ser agora identificadas em abundância entre os espólios conservados no Museu de Sesimbra, nem quanto às cerâmicas estampilhadas, por ele mencionadas no artigo de 1975, as quais haviam sido por essa altura já devidamente identificadas: trata-se de “dois fragmentos de cerâmica impressa com uma matriz muito pequena, que lembra a forma de uma abelha” (ARNAUD & GAMITO, 1974/1977, p. 195), que reportam à colecção Gustavo Marques, embora

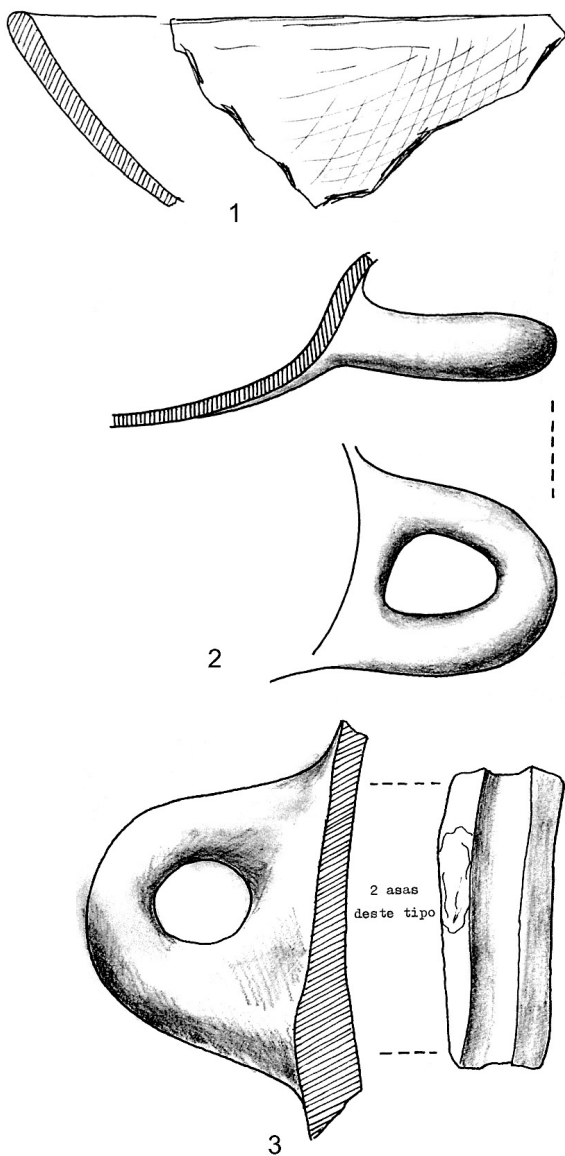


Fig. 3 – Lapa do Fumo. Materiais da Idade do Ferro, desenhados no caderno de campo de Eduardo da Cunha Serrão relativo principalmente ao ano de 1958. Desenhos do caderno de campo de Eduardo da Cunha Serrão. Arquivo do Museu Nacional de Arqueologia (modificado).

ter sido recolhida na Camada 3 do Quadrado 1 (Fig. 3, n.º 2). No mesmo caderno, encontram-se desenhados dois fragmentos de ânforas da Idade do Ferro, respectivamente uma asa de ânfora com sulco longitudinal (pseudobífida) (Fig. 3, n.º 3) e um bordo, mal orientado no respectivo desenho, com a mesma proveniência. Também é indicado que se recolheram dois exemplares de cada um dos tipos reproduzidos, os quais integram o conjunto ora estudado.

A localização do Quadrado 1, no lado esquerdo da gruta, logo a seguir à zona da entrada encontra-se devidamente registado em planta (Fig. 4).

a informação tenha sido dada aos autores por Eduardo da Cunha Serrão. Estes fragmentos não suscitavam quaisquer dúvidas sobre a sua integração entre as produções sidéricas, sendo inexplicável porque é que jamais foram valorizados, nem sequer mencionados por E. da Cunha Serrão, que, como se verifica, bem os conhecia. Felizmente, tais exemplares conservaram-se e puderam ser integrados no presente estudo.

A pouca importância que, do ponto de vista arqueográfico, os escavadores concederam aos espólios sidéricos, omitindo até referências aos mais abundantes e fáceis de identificar, como são, entre outros, as asas das ânforas de tradição fenícia, pode explicar a falta de registo dos mesmos, contrastando com os cuidadosos registos gráficos realizados em outras camadas arqueológicas da gruta. Com efeito, a alusão por Eduardo da Cunha Serrão à existência de materiais misturados de várias épocas, sendo verídica, não inviabilizaria existência de conjuntos relativamente isolados da Idade do Ferro, onde se incluíam os recipientes provavelmente completos, como se verificou no decurso das observações realizadas nos materiais do Museu de Sesimbra.

Embora se desconheça a disposição relativa dos exemplares ora estudados, foi possível recuperar a sua localização geral do conjunto no interior da cavidade, a partir dos registos do caderno de campo de Eduardo da Cunha Serrão, e até a de algumas peças específicas. É o caso do fragmento de *skyphos* (Fig. 3, n.º 2; Fig. 6, n.º 1; Fig. 7, n.º 11) um dos exemplares mais importantes dos identificadas ainda no Museu Nacional de Arqueologia, que, embora se conservasse em poder de Gustavo Marques, continha a sigla “M”, por este adoptada para os espólios que pertenciam ao Museu de Sesimbra e por ele dali trazidos para Lisboa. Com efeito, a mesma encontra-se reproduzida no relatório dos trabalhos realizados na Lapa do Fumo em 1958, correspondente ao 3.º caderno de campo de Eduardo da Cunha Serrão, com a indicação de

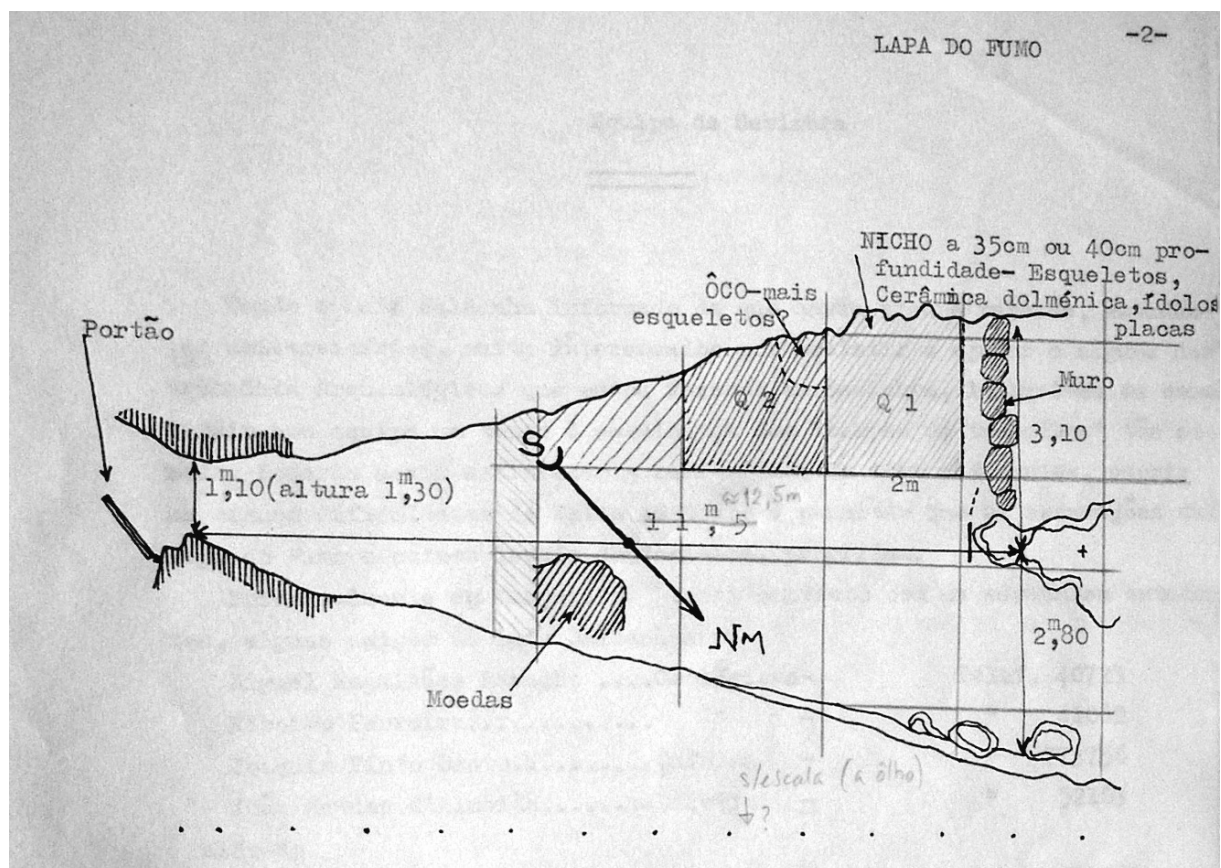


Fig. 4 – Lapa do Fumo. Planta da área escavada em 1958, com a localização do Q1 e do Q2, de onde provem a maior parte dos materiais da Idade do Ferro. Desenho do caderno de campo de Eduardo da Cunha Serrão. Arquivo do Museu Nacional de Arqueologia.

Os cadernos de campo da campanha de Março de 1964 voltam a referir e a reproduzir algumas cerâmicas da Idade do Ferro na zona alfa do Quadrado 3, especialmente asas de ânfora com canelura (pseudobifidas) e uma asa bilobada de um *pythos*, designadas por “cerâmica encarnada de grandes vasos”, que ocorriam na Camada A, continuando a ocorrer na camada B daquele quadrado, conjuntamente com produções de “cerâmica vermelha fina com roda”, noutros locais designada por “romanóide”, expressão também aplicada a fragmentos de recipientes de menores dimensões de coloração beje clara, o que bem ilustra a dificuldade de os escavadores da gruta situarem cronológica e culturalmente numa época bem definida tais produções. Estas encontravam-se efectivamente misturadas, em ambas as camadas referidas nos registos de campo (A e B), com cerâmicas de ornatos brunidos, do Bronze Final, restos ósseos atribuídos a animais e humanos, e muitas “valvas de lapas, e fragmentos de mexilhão, vieira e búzio”, que suportaram a hipótese de se tratar, naquela fase de ocupação da gruta, de “uma estação de recolectores-pescadores”, embora permaneça a dúvida de esta conclusão se aplicar à época sidérica, dada a aparente associação destas cerâmicas com os materiais do Bronze final, incluindo um punhal completo do tipo de “Porto de Mós”. Um outro fragmento de fabrico manual, com pequena asa sobre o bordo, também agora estudado, foi representado no caderno de campo, recolhido junto do referido punhal, além de outras cerâmicas da Idade do Ferro, como uma asa de ânfora e uma taça feita ao torno, considerada como “de tipo romano”, mas que na realidade configura uma das mais abundantes produções da Idade do Ferro da região (Fig. 3, n.º 1), contrastando com a sua quase inexistência na Lapa do Fumo, certamente por razões decorrentes da natureza funcional da estação.

A par das produções do Bronze Final, ocorriam na área escavada materiais mais modernos, como os recolhidos numa bolsa com fragmentos de cerâmica vidrada, quatro moedas almorávidas e um fragmento de dinar de Almotamid, cunhado entre 1078 e 1087 d.C., indício de profundos remeximentos, ainda que localizados em épocas recentes.

Os trabalhos realizados naquele ano de 1964 distribuíram-se por diversas campanhas de duração limitada (Fevereiro, Março e Outubro), as quais prosseguiram intermitentemente, de acordo com a documentação manuscrita da autoria de Gustavo Marques relativa às datas contidas nas etiquetas dos materiais, nos anos subsequentes, em 1965, 1966 (apenas três dias de trabalhos), 1967 (apenas um dia). Contudo, o estudo apresentado em 1970 ao II Congresso Nacional de Arqueologia elenca trabalhos em Novembro de 1965, Agosto e Setembro de 1966 e de 1968 e Setembro de 1970 (SERRÃO & MARQUES, 1971, p. 124).

A conclusão geral que resulta da leitura dos cadernos de campo de Eduardo da Cunha Serrão e de Gustavo Marques e da observação dos esboços dos cortes estratigráficos realizados, é a de que as cerâmicas da Idade do Ferro recolhidas ocupavam invariavelmente a parte superior da sequência estratigráfica da área escavada da jazida (Fig. 5), revelando, por um lado, menos misturas que aquelas que as poucas publicações que aludem à estratigrafia fazem crer e, por outro lado, uma muito maior importância, até pela quantidade de exemplares exumados, daquela que até agora tais publicações sugeria. A análise dos registos de campo e dos materiais correlativos, permite concluir que são do Bronze Final a larga maioria das produções encontradas conjuntamente com os espólios sidéricos, explicando-se tal situação pelo remeximento a que as camadas arqueológicas mais superficiais da gruta foram sujeitas, quer pela abertura de covachos em diversas épocas, sobretudo islâmica, quer pela actividade dos pastores que, modernamente, construíram naquela zona um abrigo com murete de pedra seca, remexendo inevitavelmente as camadas subjacentes. Tal murete encontra-se claramente representado na Fig. 4.

Os materiais que agora se estudam permaneceram na posse de Gustavo Marques, incluindo os exumados na década de 1950, evidenciando uma das formas usuais de trabalhar daquele arqueólogo, que, recolhendo exaustivamente todos os espólios que apareciam no decurso das escavações, só ulteriormente recuperava deles a informação que ainda pudessem conter, através de laboriosas remontagens, método que continuou a adoptar até fase tardia da sua vida (CARDOSO, 2012). Tal metodologia, que secundarizava o registo arqueológico do terreno, apesar do aparente rigor de alguns registos gráficos contidos na documentação estudada, não favorecia a identificação primária de conjuntos que, por certo, existiriam originalmente, como transparece da existência, no Museu de Sesimbra, de fragmentos cerâmicos isolados, pertencentes a vários recipientes reconstituíveis.

Tais exemplares testemunham, provavelmente, a presença de uma pequena comunidade que, na parte vestibular da gruta, os utilizava nas suas actividades quotidianas, como a recollecção de moluscos, como sugere a importância da sua presença, a qual se encontra devidamente registada.

3 – OS MATERIAIS DA IDADE DO FERRO DA LAPA DO FUMO

Os materiais da Idade do Ferro da Lapa do Fumo agora estudados são exclusivamente cerâmicos, uma vez que, como já antes se referiu, das fíbulas que Eduardo da Cunha Serrão disse ter encontrado (SERRÃO, 1975, p. 218) não existe, de momento, qualquer rasto.

O conjunto é numeroso, atingindo quase uma centena de fragmentos, que, todavia, perfazem apenas cerca de uma dezena e meia de vasos. A sua grande maioria é constituída por grandes recipientes, concretamente ânforas, *pitthoi* e potes, havendo contudo escassos exemplares que se incluem no grupo da cerâmica fina e/ou de mesa. Registe-se, desde já, o excelente estado de conservação destes materiais, muitos dos quais fornecem perfil completo.

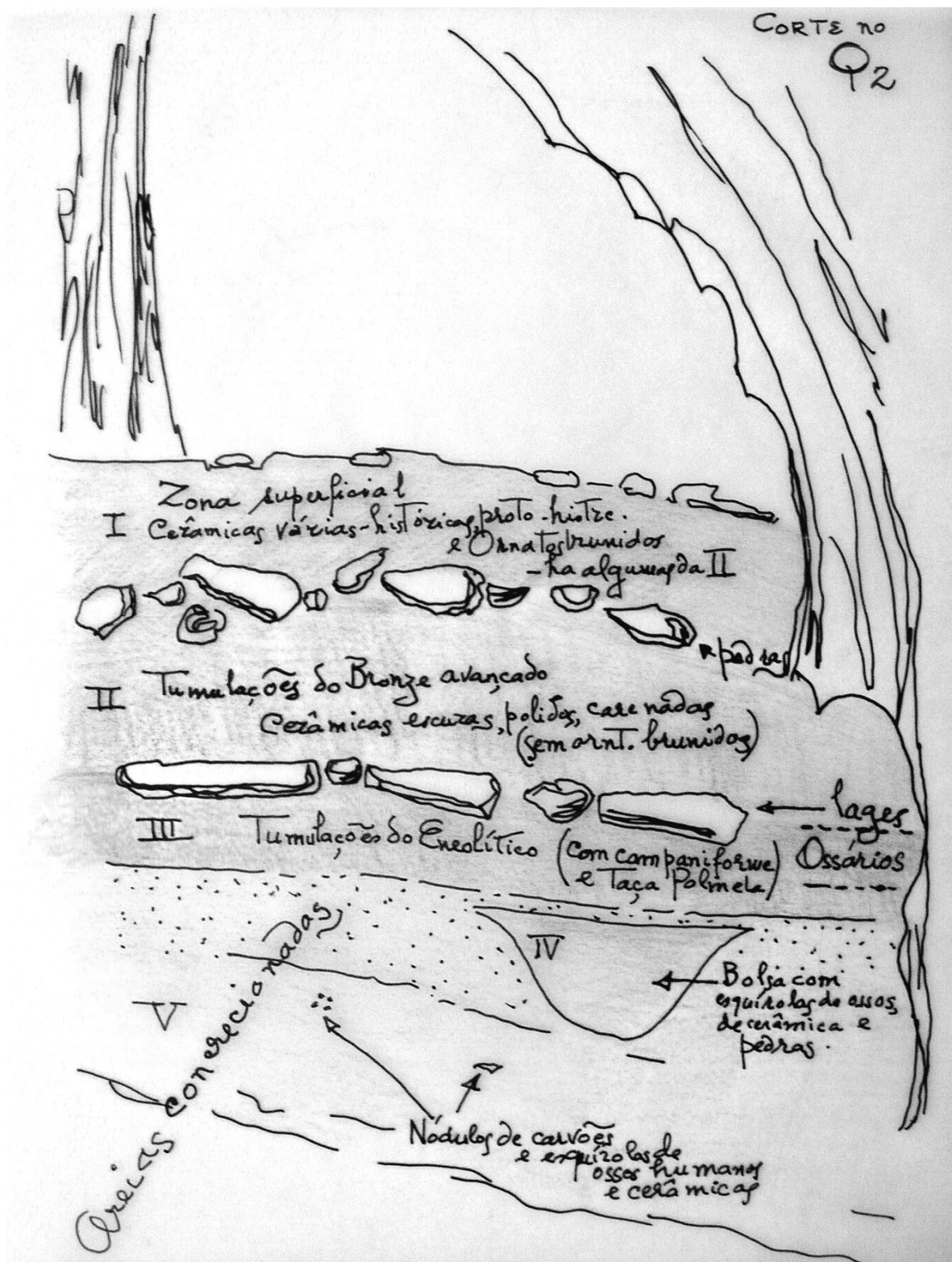


Fig. 5 - Lapa do Fumo. Corte estratigráfico realizado em 1958 por Eduardo da Cunha Serrão no Q2. Desenho do caderno de campo de Eduardo da Cunha Serrão. Arquivo do Museu Nacional de Arqueologia.

Entre estes últimos conta-se uma parede carenada do que podemos reconhecer como um *skyphos* de cerâmica cinzenta, com asa horizontal, fragmento já anteriormente mencionado, forma que não é muito frequente em contextos peninsulares, nas chamadas produções comuns (Fig. 7, n.º 6). O fragmento conserva uma asa horizontal colocada sobre a carena que define a dupla curva que a parede destes vasos descreve. A pasta é cinzenta, notando-se vestígios de um engobe negro (Fig. 6, n.º 1).

As características formais e mesmo de fabrico indicam que estamos perante uma imitação de um vaso grego de verniz negro, produção em que a forma é frequente, correspondendo ao grupo A do *Attic Type* da Agora

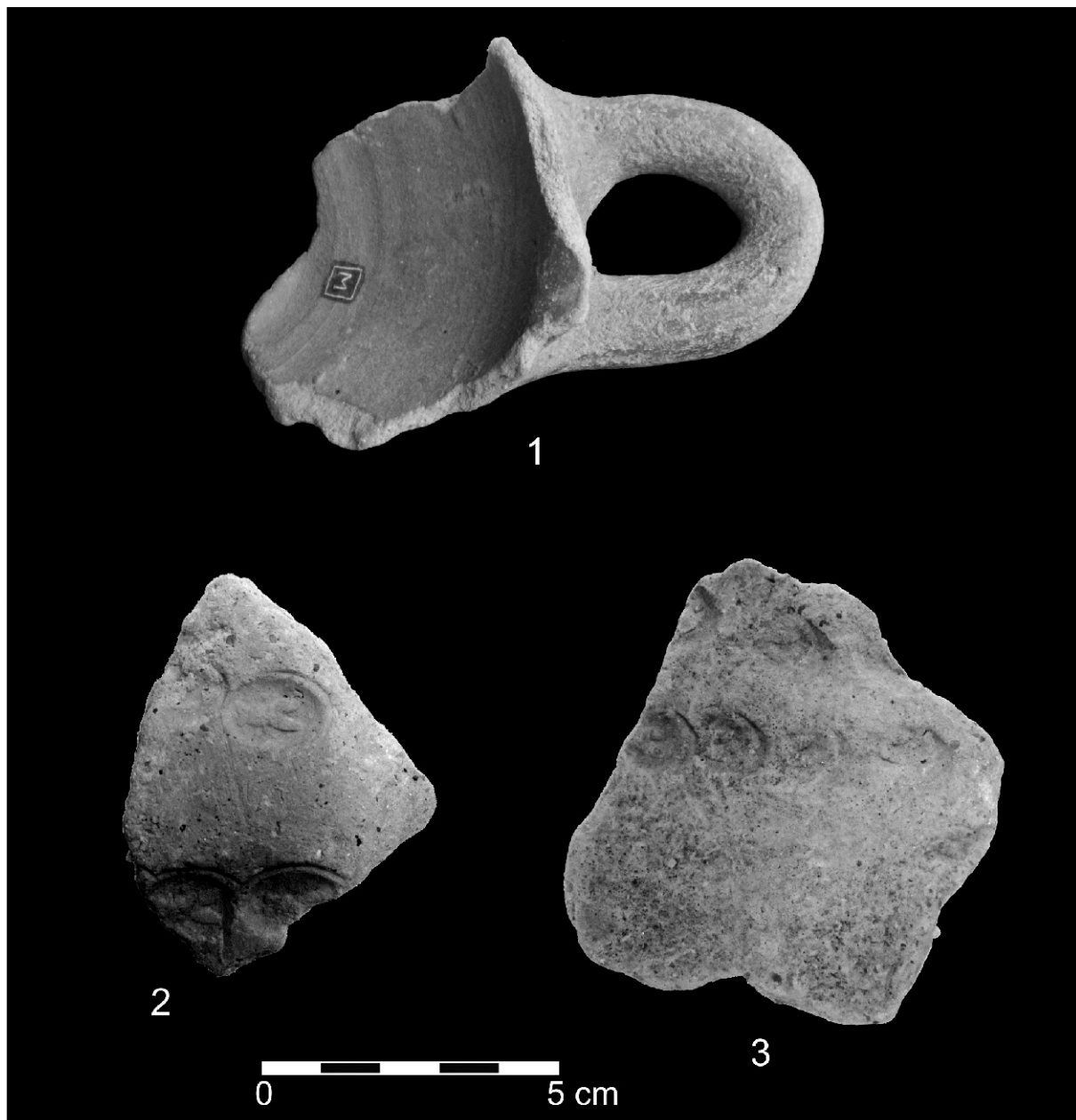


Fig. 6 – Lapa do Fumo. Fragmento de *skyphos* (1) e bojos decorados com estampilhas de abelhas, pertencentes provavelmente ao mesmo recipiente (2 e 3). Fotos de J. L. Cardoso e de F. Martins.

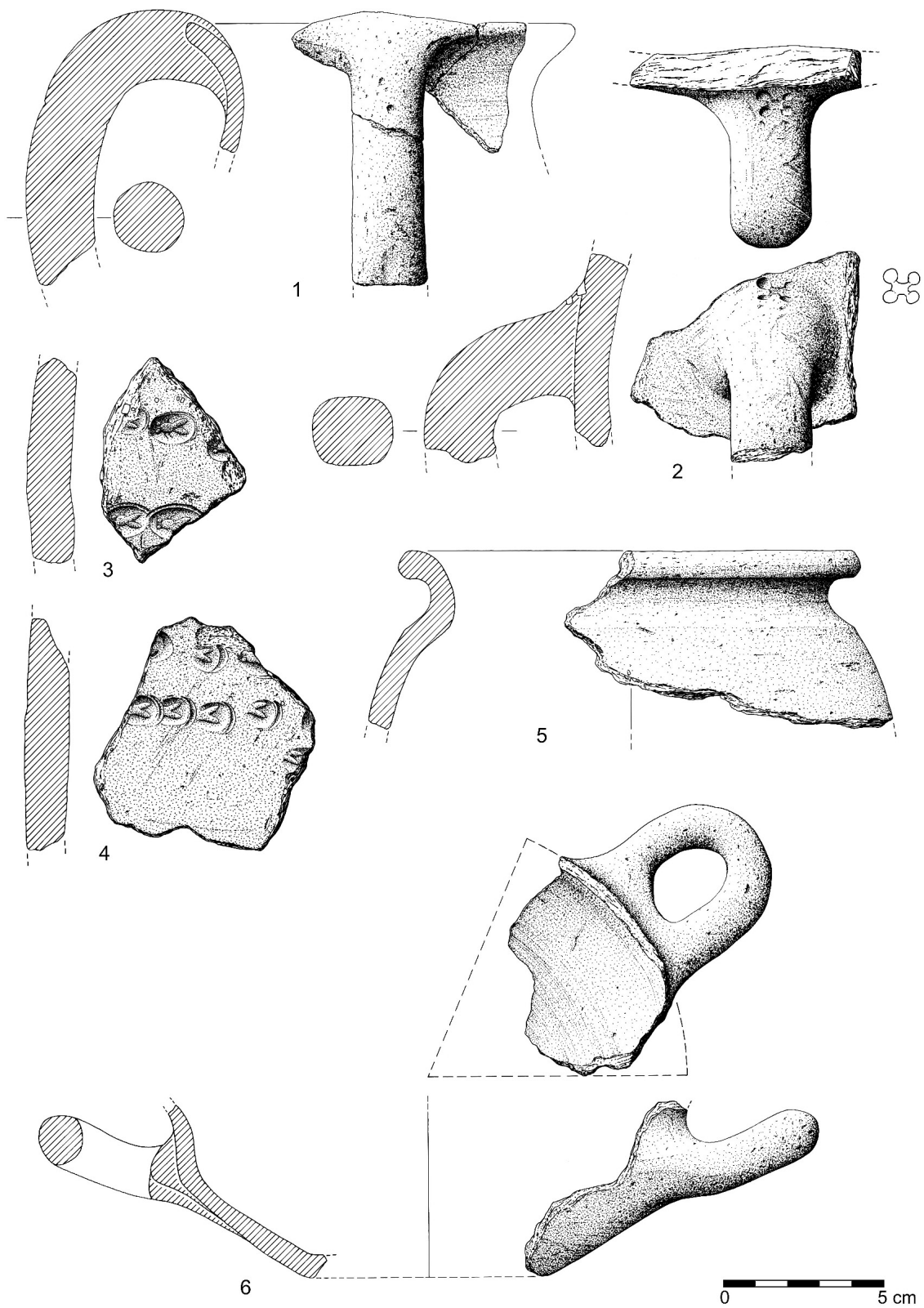


Fig. 7 – Lapa do Fumo. Recipientes cerâmicos da Idade do Ferro. Desenhos de F. Martins.

de Atenas (SPARKES & TALCOTT, 1970, p. 84-85). Contudo, se é verdade que a partir do século IV a.C. a parede, até então hemisférica, adquire uma dupla curva, por vezes muito pronunciada, e que desde nos finais do V o bordo é já exvasado (*Ibidem*, p. 84), também o corpo se alonga consideravelmente. O perfil do vaso da Lapa do Fumo lembra o de um *skyphos* ático tardio, ainda que se deva ter em consideração o facto de a relação diâmetro máximo/altura ser consideravelmente mais baixa do que no caso dos produzidos em Atenas. As superfícies cinzentas, que estão cobertas por um engobe negro de que restam vestígios, são outro argumento de que nos socorremos para considerar que a peça corresponde a uma clara tentativa de reprodução de um modelo grego.

Esta peça, ainda que rara, não se constitui, no entanto, como uma absoluta exceção nos contextos sidéricos do litoral ocidental português. Com efeito, vasos semelhantes, quer quanto ao fabrico quer quanto à forma, foram documentados na Alcáçova de Santarém (ARRUDA, VIEGAS & ALMEIDA, 2002) e em Lisboa (PIMENTA, CALADO & LEITÃO, no prelo). Em ambos, os contextos, bem definidos, permitiram atribuir-lhes uma cronologia do século III a.C. Não parece improvável que todos três tenham uma mesma origem, ainda que esta seja, por ora, ignorada.

Resta ainda referir que a produção peninsular de recipientes inspirados em formas gregas é de algum modo uma constante, tanto no mundo ibérico (PAGE, 1985) como na área turdetana (SANCHEZ, 1985), havendo dados concretos sobre o seu fabrico em fornos da baía de Cádiz, concretamente em Camposoto (RAMÓN TORRES *et al.*, 2007). Nestas oficinas gaditanas, que laboraram durante os séculos VI e V a.C., os *skyphoi* e também as *kilikies* foram produzidos, estando os primeiros incluídos no tipo B1c1 e as segundas no B1c3 da tipologia criada para as produções daquele centro oleiro (*Ibidem*, p. 69-70). Atendendo à cronologia de laboração para ele estabelecida, não surpreende que os *skyphoi* tenham ainda o perfil convexo e hemisférico.

Uma cronologia do século IV/III a.C. para a peça da Lapa do Fumo é defensável, tendo em consideração não só o perfil do corpo, mas também os casos de Santarém e de Lisboa.

As **ânforas** distribuem-se por vários tipos morfológicos, todos, contudo, integráveis no amplo grupo das de sacco ou R1. As mais tardias do conjunto são as representadas na Fig. 8, n.º 3 e na Fig. 9, n.º 1. Não têm colo, apresentando-se o bordo muito ligeiramente exvertido e espessado internamente, num dos casos, e engrossado em ambas as faces, no restante. O que sobra do corpo deixa antever um contentor de forma geral ovóide.

Sabemos que as ânforas de perfil oval ou fusiforme sem colo nem carena foram produzidas no Sul da Península Ibérica a partir de meados do século VI a.C., mas o seu fabrico perdurou até ao século III. Em trabalho recente, Elisa Sousa e João Pimenta (no prelo) listaram as ocorrências deste tipo anfórico, a que atribuíram o n.º 7 da tipologia que construíram para a área ocidental, concretamente para os vales do Tejo, tendo verificado a sua presença em Lisboa, em contextos associados à ocupação republicana da segunda metade do século II a.C. (PIMENTA, 2005), mas também em níveis datados do século III a.C., quer do Castelo (SOUSA & PIMENTA, no prelo) quer da Rua de São João da Praça (Pimenta, Calado e Leitão, 2005). Em outros sítios da Estremadura, como a *Villa* romana de Vilares, em Cascais (NIEUWENDAM & SANTOS, 2008), o povoado do Senhor da Boa Morte, em Vila Franca de Xira (PIMENTA & MENDES, 2012), a Eira da Alorna, em Santarém (SOUSA & PIMENTA, no prelo) e o Porto do Sabugueiro, em Salvaterra de Magos (PIMENTA & MENDES, 2008) também foram recuperados fragmentos enquadráveis neste tipo. Na Península de Setúbal, em Chibanes (Palmela), em camadas cronologicamente atribuídas ao século IV/III (SILVA & SOARES, 2012), igualmente se registaram bordos que cabem nesta morfologia.

Outras três peças (Fig. 9, n.º 2; Fig. 10, n.º1; Fig. 11, n.º1), também inspiradas nos modelos de sacco ou R1, com corpo de tendência ovalada, com ombro muito oblíquo ou quase inexistente, mas com bordo exvertido e bem diferenciado do corpo por um colo curto ou garganta, foram também identificadas no conjunto da cerâmica da Idade do Ferro. Trata-se de contentores que, de certo modo, se assemelham aos de tipo Cancho Roano, mais

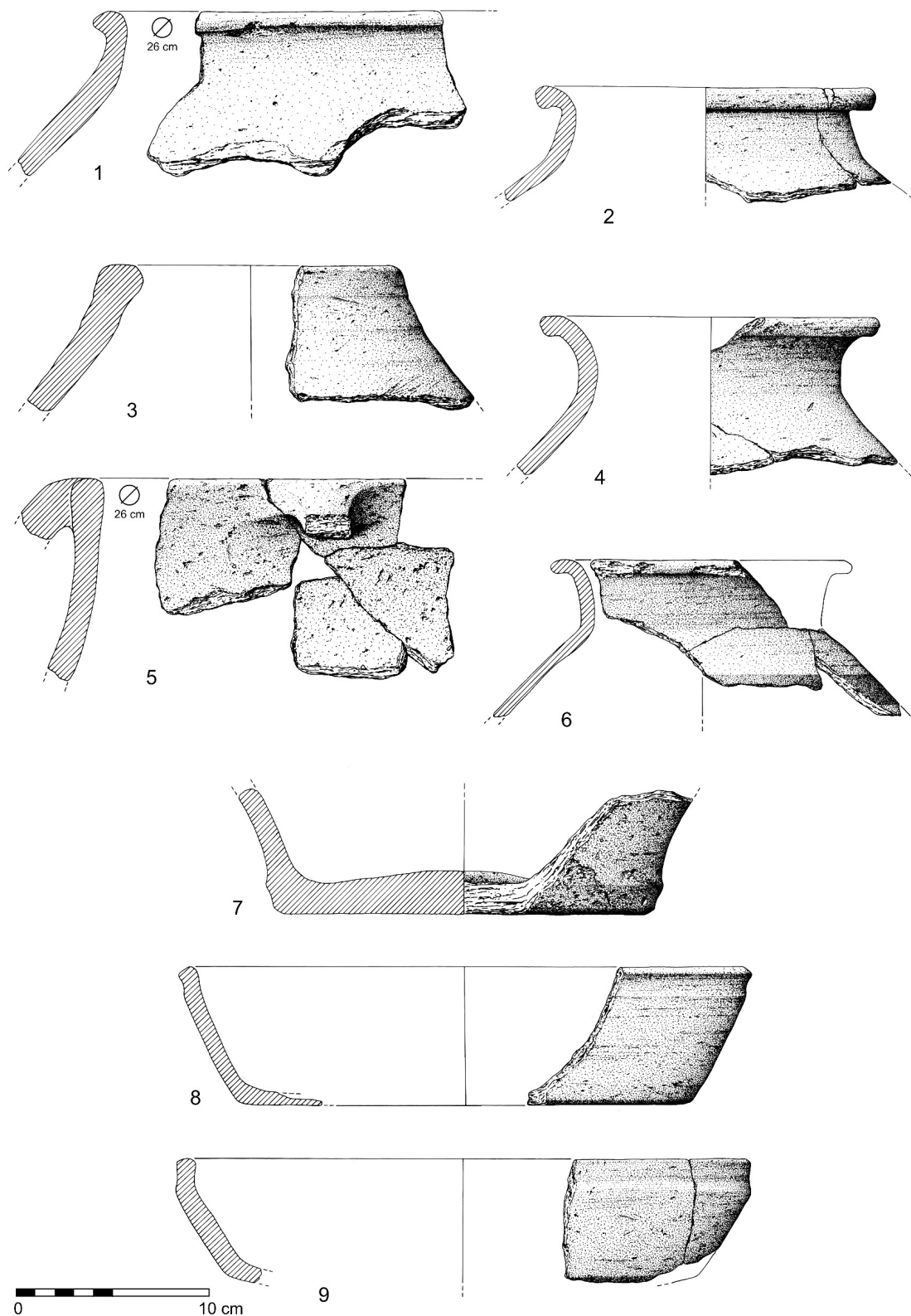


Fig. 8 – Lapa do Fumo. Recipientes cerâmicos da Idade do Ferro. Desenhos de F. Martins

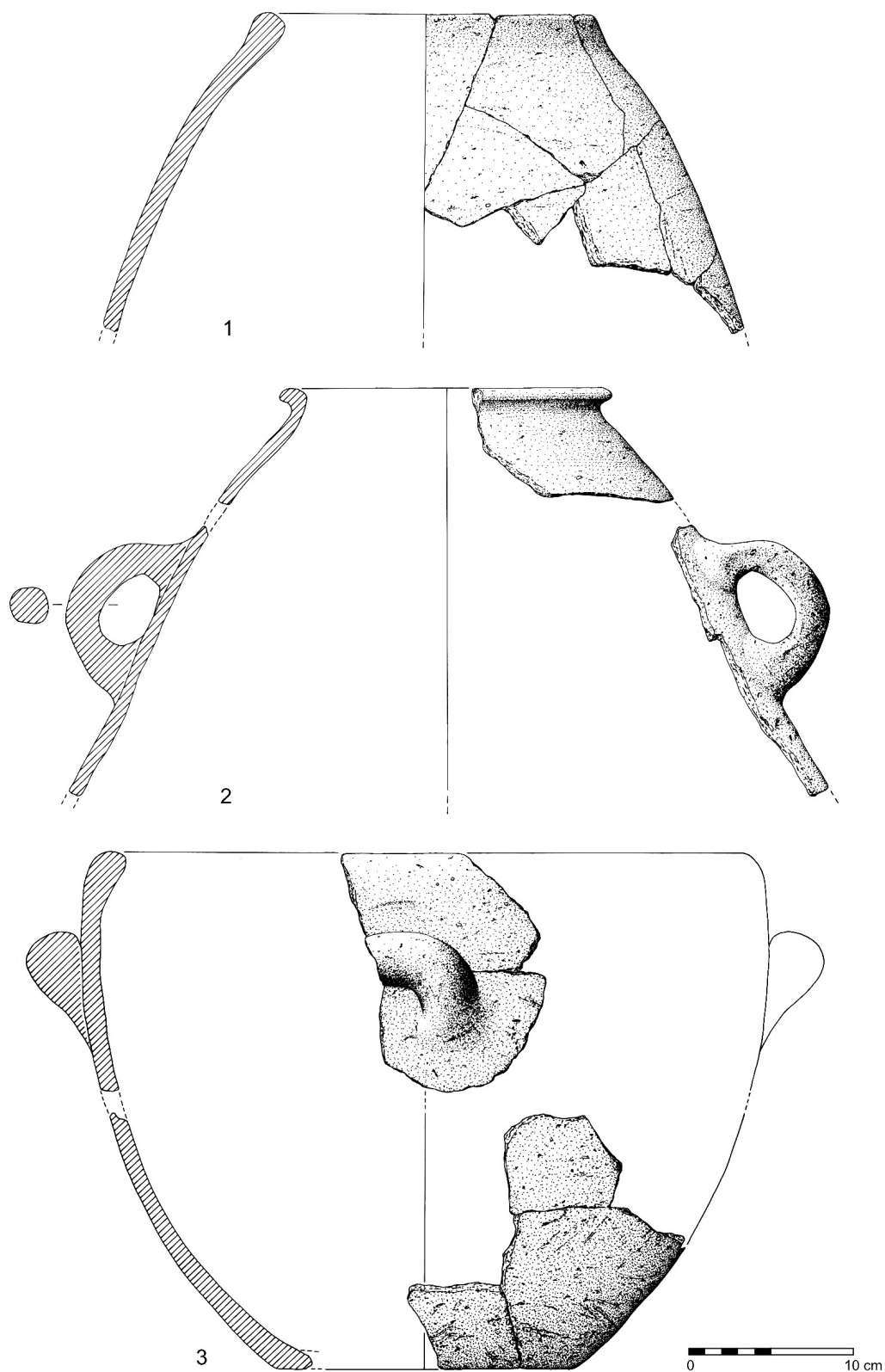


Fig. 9 - Lapa do Fumo. Recipientes cerâmicos da Idade do Ferro. Desenhos de F. Martins.

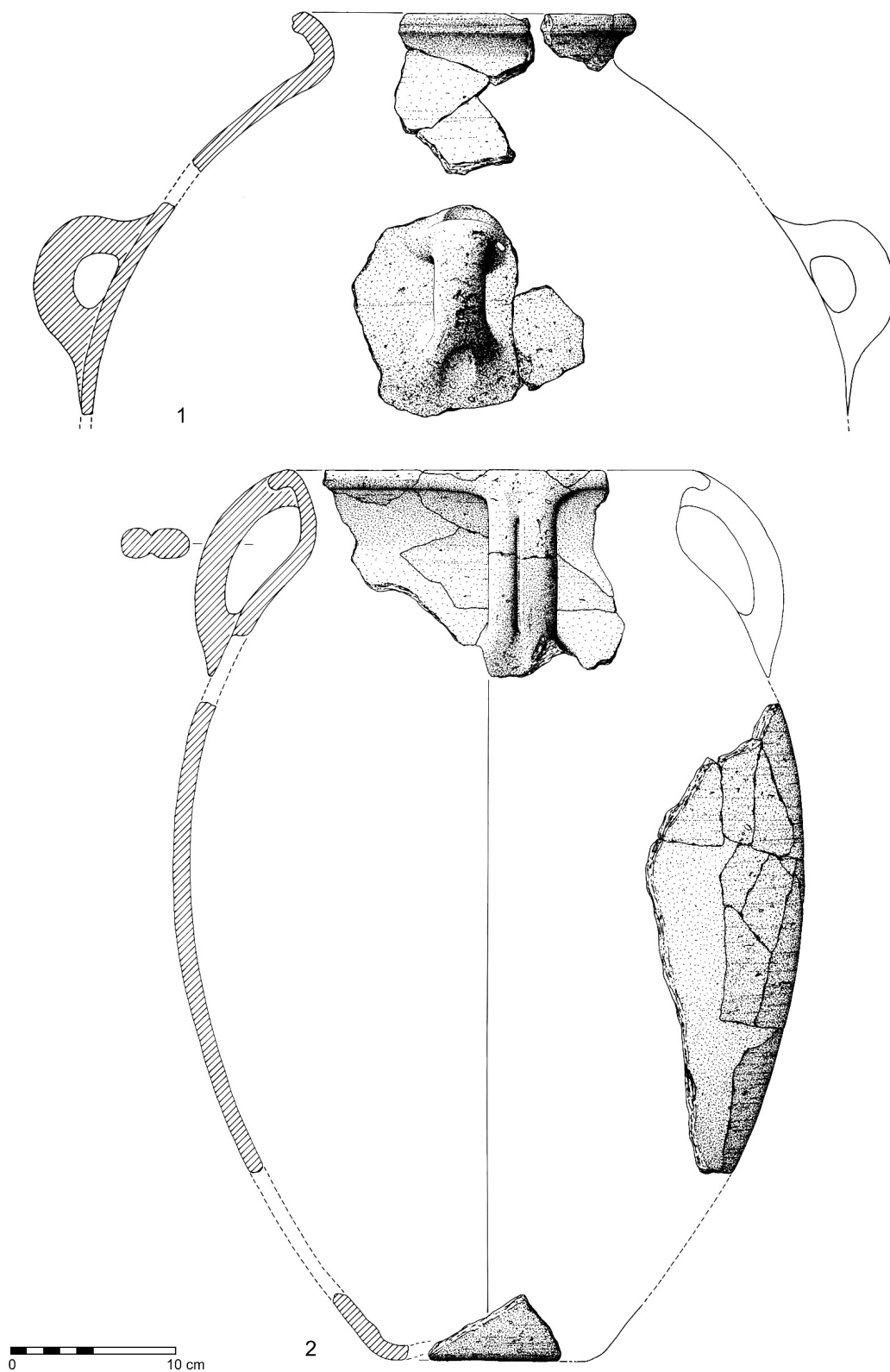


Fig. 10 - Lapa do Fumo. Recipientes cerâmicos da Idade do Ferro. Desenhos de F. Martins.

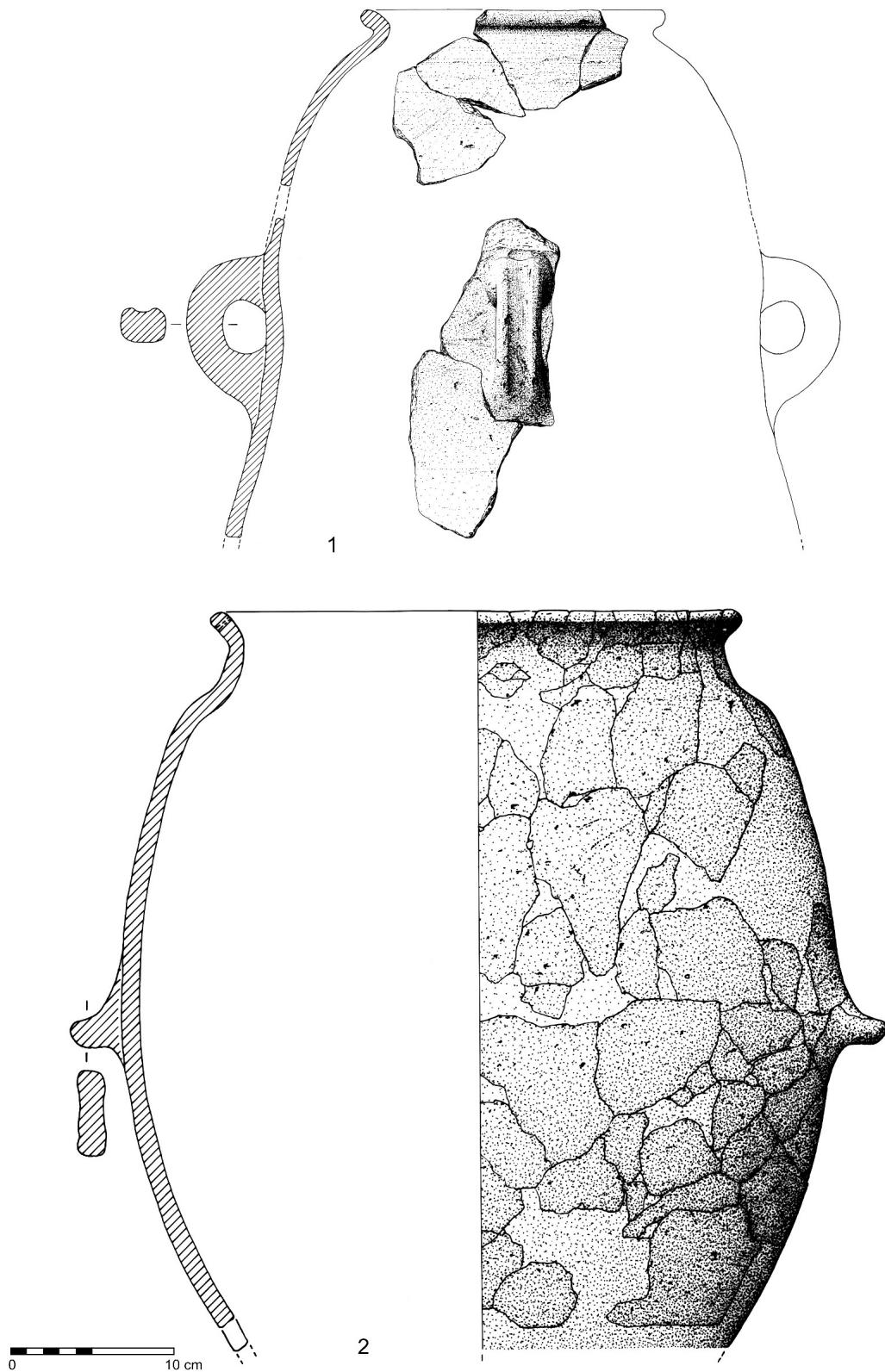


Fig. 11 – Lapa do Fumo. Recipientes cerâmicos da Idade do Ferro. Desenhos de F. Martins.

concretamente do CR-2, que no sítio estremenho se datam do século V a.C. (GUERRERO, 1991). Os melhores paralelos portugueses situam-se, justamente, na fachada ocidental, concretamente no vale do Sado, em Alcácer do Sal. Com efeito, num contexto identificado há poucos anos, junto ao rio, na Travessa do Rato, e bem datado entre os finais do século VI e o século V a.C. exumou-se um conjunto de ânforas com grandes semelhanças morfológicas às que aqui se apresentam (ARRUDA *et al.*, no prelo).

Algumas características (colo curto, bordo exvertido, ombro muito descaído) aproximam-nas do que foi designado Tipo 2 do Estuário do Tejo (SOUSA & PIMENTA, no prelo), com registos em Lisboa, na Rua dos Correeiros, em contextos datados do século V a.C. (SOUSA, 2011), na Casa dos Bicos (PIMENTA & AMARO, no prelo), em Almaraz (BARROS & SOARES, 2004) e em Santa Eufémia, em Sintra (SOUSA, 2011).

As asas são, maioritariamente, de perfil circular ou sub-circular, havendo raros casos em que mostram um sulco mesial. Na parte superior da ligação ao corpo, apresentam, com frequência, a típica depressão em forma de digitação. Numa delas, regista-se contudo uma estampilha cruciforme, de pontas arredondadas (Fig. 7, n.º 2), situação inédita nas produções do actual território português, sendo o motivo praticamente desconhecido também nos restantes centros oleiros peninsulares. As estampilhas em ânforas, sobretudo nas asas, são bem conhecidas para os finais da II Idade do Ferro em Cartago, Ibiza e Cádiz (RAMON, 1991, 1995; PERDIGONES & MUÑOZ, 1990; MUÑOZ, 1993; GARCÍA VARGAS, 1996; SAEZ ROMERO, 2005, 2007), sendo os motivos mais frequentes a representação de Tanit, os antropomórficos, os zoomórficos e as rosetas. Os motivos cruciformes são, como já se disse, consideravelmente escassos, aparecendo contudo representados em Peña Negra (Alicante), mas sobre ânforas arcaicas, ainda que produzidas na área do Estreito de Gibraltar (RAMON, 1995, p. 245).

Tudo indica que as ânforas da Lapa do Fumo foram produzidas na área do vale do Sado, pelo menos a partir do século V a.C., momento em que quase todas as áreas peninsulares tocadas pela colonização fenícia, ou localizadas na sua área de influência directa, iniciaram um processo de regionalização da sua “indústria” oleira, que ditou formas específicas. Ainda que aparentadas entre si, facto que se pode facilmente interpretar pela existência de um modelo inspirador comum – a ânfora fenícia ocidental de tipo R1 –, e independentemente do progressivo alongamento do corpo e da diminuição do seu diâmetro máximo parecem generalizar-se em quase todo o sul peninsular a partir do século V a.C., constatando-se uma considerável diversidade morfológica entre as várias áreas.

Os *pithoi* estão representados na Lapa do Fumo por vários fragmentos de bordo (Fig. 8, n.º 2, 4, 6; Fig. 10, n.º 2) e asa, tendo um deles um perfil quase completo. As asas são bifidas, os bordos são exvertidos e triangulares, e os colos são curtos, de paredes mais ou menos rectilíneas, que definem um perfil tronco-cónico. Em um dos casos (Fig. 8, n.º 6), estas últimas características são particularmente acentuadas, verificando-se também uma clara separação entre o colo e o corpo. Nos restantes, essa separação é mais suave, sendo também mais curvilíneas as paredes do colo, que se tornam côncavas. A avaliar pelo exemplar cujo perfil se pode reconstituir quase na totalidade, os fundos são em ônfalo.

No seu conjunto os *pithoi* da Lapa do Fumo apresentam atributos que podem colocá-los em torno aos meados do século VI a.C., ainda que o de colo tronco-cónico, de paredes rectas, diferenciado do corpo por ressalto bem marcado poderá recuar até aos finais, ou mesmo meados, do século anterior. É, de facto, o que se pode concluir, em termos cronológicos, das particularidades morfológicas que se observaram, tendo naturalmente em consideração o que se conhece destes típicos vasos do mundo fenício e orientalizante do Sul da Península Ibérica, onde os colos dos *pithoi* arcaicos andaluzes são tronco-cónicos, com as paredes que os definem rectas, mas oblíquas (AUBET SEMMLER, MAASS-LINDEMANN & SCHUBART, 1979, Fig. 8, n.º 110-113; RAMÓN, 1999). Resta ainda dizer que a forma é bem conhecida na fachada atlântica peninsular, registando-se em todos os sítios com ocupação durante a I Idade do Ferro (ARRUDA, 1999-2000). Na Península de Setúbal, os *pithoi* estão documentados em Alcácer do Sal (SILVA *et al.*, 1980-81; ARRUDA *et al.*, no prelo), em Abul (MAYET & SILVA, 1999) e em Setúbal (SOARES & SILVA, 1986).

Outros **contentores** parecem ser mais tardios (séculos V, IV, III a.C.). Trata-se de vasos fechados, altos, de corpo globular ou ovóide, colo muito curto e estrangulado, e bordo exvertido, que têm bons paralelos, em termos formais, ainda na Estremadura, concretamente em Santarém (ARRUDA, 1999-2000) e Lisboa (*Ibidem*; SOUSA, 2011), em cronologias da segunda Idade do Ferro. Um exemplar que cabe ainda na categoria dos potes (Fig. 8, n.º 5) não possui colo, e do bordo, que é vertical e muito ligeiramente engrossado, arranca uma asa. A dimensão do fragmento não permite grandes considerações acerca da forma geral do corpo, que, contudo, deveria ser alto.

A estes vasos destinados ao armazenamento deve pertencer a grande maioria dos fundos que integram o conjunto das cerâmicas da Lapa do Fumo, fundos que são planos externamente e ligeiramente côncavos na superfície interna (Fig. 8, n.º 7). Na ligação à área inferior do corpo é visível uma canelura larga e relativamente funda.

Muito mais raro é o vaso com asa cega, de bordo engrossado e virado para o interior (Fig. 9, n.º 3). O perfil do corpo é globular. Trata-se ainda de um contentor, que, atendendo à inclinação do bordo se destinaria, muito provavelmente a guardar líquidos.

Os **jarros** estão também representados (Fig. 7, n.º 1), ainda que apenas se tenha reconhecido bordos de onde arrancam asas e fragmentos de colo. O que existe deixa perceber tratar-se de vasos destinados a servir líquidos, que apresentam a superfície externa polida. Os bordos são exvertidos, registando diâmetros reduzidos, os colos são altos e estreitos e as asas são de secção circular.

A forma, não sendo abundante em contextos sidéricos, está contudo presente na fachada ocidental peninsular em momentos relativamente tardios da Idade do Ferro (século V-III a.C.), como é o caso de Outorela, Oeiras (CARDOSO, 1990, Fig. 12, n.º1), Moinhos da Atalaia, Amadora (PINTO & PARREIRA, 1978, fig. 3 g), Santa Eufémia, Sintra e Lisboa, Rua dos Correeiros (SOUSA, 2011). Para o estuário do Sado, registou-se uma ocorrência em Alcácer do Sal (ARRUDA *et. al.*, no prelo).

O conjunto cerâmico da Lapa do Fumo inclui raros fragmentos de cerâmica manual. Ainda assim, foi possível reconstituir o perfil quase completo de um vaso de corpo ovóide, no centro do qual se destacam duas asas cegas. Possui bordo exvertido e um pequeno colo tronco-cónico que se liga à parede através de uma carena suave. Em toda a extensão do bordo, surgem pequenas perfurações. O diâmetro do bordo é de 30 cm e o máximo de 45 cm, tendo 50 cm de altura conservada. Trata-se, portanto de um outro vaso de armazenamento. Os orifícios no bordo podem corresponder a parte de um sistema de tampa cosida com linha, uma vez que as dimensões do vaso implicam um peso considerável que não poderia ser suportado por orifícios de tão pequena dimensão a que acresce a sua localização junto do bordo. Este tipo de vaso e esta morfologia são comuns a numerosos sítios da proto-história peninsular, sendo transversais quer a nível cronológico quer em termos geográficos. Consideramos portanto desnecessário a enumeração de paralelos, que em nada contribuiriam para avaliar o conjunto cerâmico que aqui estudámos.

4 - AS ESTAMPILHAS

A espessura das paredes, a grandeza do seu diâmetro, a cor das superfícies e as características da pasta permitem admitir que os dois fragmentos com decoração estampilhada incorporassem um único vaso (Fig. 6, n.º 2 e 3; Fig. 7, n.º 3 e 4), destinado à armazenagem. Ainda que desconheçamos a sua forma exacta e os detalhes do seu bordo, merece destaque justamente pelas estampilhas que ostenta na superfície externa. Estas, ainda que distintas na cartela e nos detalhes do motivo, representam imagens de abelhas. As estampilhas do mesmo tipo apresentam-se agrupadas, em duas linhas paralelas, formando bandas de motivos idênticos, obtidos através da mesma matriz. Uma das bandas é constituída por duas linhas de estampilhas de perfil oval, estando a totalidade do corpo da *Apis mellifera* quase integralmente representado (a cabeça, onde são bem visíveis os dois olhos, o

abdómen, dois pares de pernas e um par de asas, à retaguarda). No outro caso, são visíveis duas linhas paralelas de estampilhas semi-ovais, que se sobrepõem, em alguns casos. Tudo indica que se trata da mesma matriz que no caso anterior, mas em que apenas a sua parte posterior é impressa.

As representações zoomórficas não são frequentes na cerâmica estampilhada da Idade do Ferro, onde os motivos são geralmente geométricos ou vegetalistas. Contudo, os cavalos estão documentados no Castro do Capote e na Alcazaba de Badajoz (sítios em que também existem figuras antropomorfas impressas) (BERROCAL RANGEL, 1992; 1994), bem como na Rua dos Correiros, em Lisboa (SOUSA, 2011). As abelhas, pelo contrário, não surgem representadas na cerâmica estampilhada, ainda que a sua figuração seja comum desde a Pré-História em vastas áreas da Europa Central, da Anatólia e do Mediterrâneo, sobretudo oriental, (FERNANDEZ URIEL, 2011). Curiosamente, estão presentes especialmente na joalheria do II milénio a.C., sendo de destacar o pendente de ouro da necrópole de Krissólakos (Creta) (FERNANDEZ URIEL, 1998) e a placa de Kamiros, Rodes (*Ibidem*, 2011). O seu valor simbólico e significado religioso ficam assim bem destacados, pelos suportes em que aparece representada, bem como pela constante associação a determinadas divindades femininas, sobretudo a Artémis, denominando-se as sacerdotisas da deusa de Melisas (Melitas) (FERNANDEZ URIEL, 2004). Neste contexto, a capela encontrada no templo de Éfeso é também de destacar, bem como os ex-votos em forma de abelha que foram recuperados no mesmo edifício. A mesma cidade emite, durante o século IV a.C., tetradracmas de prata, em cujo anverso estão gravadas abelhas, o mesmo acontecendo em outros núcleos urbanos de âmbito fenício-púnico, como, por exemplo Cartago (*Ibidem*). A importância, apotropaica e também económica, que as abelhas adquirem permanece na época romana, facto atestado por inscrições, que também vinculam o animal a mesma divindade (*Ibidem*), mas também por outras emissões monetárias (*Ibidem*). Na Península Ibérica, o mesmo insecto exhibe-se igualmente na joalheria, a partir da Idade do Ferro, sendo de destacar a fibula de ouro de Cádiz (NICOLLINI, 1990) ou a placa de prata de Salvacañete (CABRÉ, 1936), havendo para Portugal que referir o disco de ouro da necrópole de Bensafrim, decorado também com abelhas, neste caso muito estilizadas (ROCHA, 1906; VILAÇA & ARMBRUSTER, 2012; GOMES, 2013).

O facto de as estampilhas da Lapa do Fumo terem sido concretizadas sobre um vaso de paredes espessas e largo diâmetro que corresponde, muito provavelmente, a um contentor permite, em primeira análise, admitir que o referido recipiente se destinava ao armazenamento de um produto concreto, neste caso o mel. Sabemos, contudo, que esta interpretação é excessivamente redutora por ser estritamente funcionalista. Todavia, não pode deixar-se de a colocar, até porque estampilhas em ânforas pré-romanas com motivos zoomórficos (atuns, por exemplo) têm vindo a interpretar-se no quadro de uma identificação imediata do produto que as mesmas continham. Ainda assim, outros significados são possíveis, se tivermos em consideração o conjunto do espólio, e a eles voltaremos na interpretação final.

5 - COMENTÁRIO AO ESPÓLIO CERÂMICO DA LAPA DO FUMO E AO SEU CONTEXTO

Os materiais da Idade do Ferro da Lapa do Fumo impressionam a vários níveis, parecendo importante destacar, desde já, o seu estado de conservação. A grande maioria dos vasos que estudámos permite a reconstituição quase integral do seu perfil, o que significa que integravam contextos que não foram excessivamente remobilizados. Pelo contrário, tudo indica que permaneceram próximo das suas posições originais e que as perturbações que necessariamente decorreram das ocupações romana, medieval e contemporânea não foram nem vastas nem demasiado acentuadas.

Registe-se também que, em termos formais, o conjunto integra, maioritariamente, vasos destinados ao armazenamento e transporte (ânforas, *pithoi*, grandes potes), sendo muito escassos os que se incluem na chamada cerâmica fina e/ou de mesa.

O estudo do espólio cerâmico permitiu, contudo, verificar uma relativa diversidade em termos cronológicos, havendo vasos, como alguns *pithoi* e certas ânforas, que podem recuar até ao século VI a.C. e mesmo, no caso dos primeiros, ao finais do VII a.C. Outros, porém, são consideravelmente mais tardios, podendo avançar até ao século IV a.C. e inclusivamente até aos inícios do III a.C., concretamente o *skyphos* de cerâmica cinzenta, bem como também algumas ânforas. Assim, parece seguro admitir que a Lapa do Fumo foi ocupada ao longo de uma diacronia sidérica consideravelmente ampla, pelo menos durante dois séculos e meio.

Mas o tipo de ocupação merece ainda ser discutido à luz dos próprios espólios que foram recolhidos, concretamente da sua funcionalidade. Se à primeira vista poderia pensar-se numa situação que comportasse um espaço destinado ao armazenamento, eventualmente anexo a uma qualquer área de habitacional de ar livre, a realidade parece ser bastante mais complexa. Em primeiro lugar, parece óbvio que é obrigatório descartar, por completo, a hipótese de estarmos perante de um espaço destinado à habitação. Com efeito, as realidades sociais e políticas da Idade do Ferro são incompatíveis com ocupações de carácter doméstico em gruta. Por outro lado, a ausência de qualquer dado relativo a um povoado nas proximidades afasta também a possibilidade de a Lapa do Fumo representar a área de armazenamento de um sítio habitado. A ausência de restos antropológicos associados a estes materiais, bem como aliás as suas próprias características intrínsecas, torna impossível a suposição de estarmos na presença de uma necrópole.

Considerar que a ocupação sidérica da Lapa do Fumo se relacionou com actividades de carácter ritual parece pois a hipótese mais plausível, e, assim sendo, parece importante reflectir tendo em consideração outro tipo de questões. A utilização de grutas como local de culto foi comum na Antiguidade, nomeadamente em casos com uma evidente conotação ao mundo semita. Foi muitas vezes em cavidades naturais que a deusa Astarté encontrou espaço para que lhe fosse prestado culto.

Na Península Ibérica, o expoente máximo desta prática materializa-se na Gorham Cave, em Gibraltar (CULICAN, 1972; BELÉN & PÉREZ, 2000; GUTIÉRREZ *et al.*, 2001; GUTIÉRREZ *et al.*, 2012; GUTIÉRREZ *et al.*, 2013; ZAMORA *et al.*, 2013), onde as actividades rituais tiveram lugar entre os finais do século IX/princípios do VIII e o II a.C. Neste caso, o espólio é muito rico e diversificado, mas inclui também, e em abundância, ânforas e outros contentores (*Ibidem*).

Em Ibiza, Es Cuieram pode igualmente ser citada (AUBET, 1982), devendo desde já chamar-se a atenção para o facto de ambos se encontrarem num ambiente costeiro, o que parece importante neste contexto, uma vez que se trata de uma implantação geográfica que a Lapa do Fumo também partilha.

Se no caso de Gibraltar e de Ibiza a evidência material não deixa margem para dúvida acerca da função, grutas-santuário vinculadas à navegação, deve salientar-se, para o primeiro caso, o próprio significado simbólico do espaço em que se implanta, ele mesmo carregado de valor mítico, uma das colunas de Hércules.

Na Lapa do Fumo, faltam muitos dos espólios que permitem assumir, sem qualquer dúvida, a mesma função, e que se destacam nos outros dois. Contudo, o que existe deixa perceber o mesmo uso, não podendo deixar de se referir a própria localização. Lembre-se que a Serra da Arrábida se constitui como um acidente geográfico de características únicas na costa ocidental, o último enclave de paisagem mediterrânea na costa portuguesa, pela serenidade das águas e pela formas do relevo (RIBEIRO, LAUTENSACH & DAVEAU, 1987, p. 81, 106), e que a sacralização de acidentes geográficos destacados foi prática comum durante a Idade do Ferro e época romana, com ou sem estruturas cultuais construídas. Foi certamente o caso de Sagres e de S. Vicente (Estrabão, III 1.4., 5), no Algarve, e ainda do Cabo da Roca, no litoral oeste (RIBEIRO, 2002). Terá sido também a realidade da Arrábida, onde essa sacralização se materializou igualmente na utilização de cavidades naturais como espaço privilegiado de práticas cultuais. A presença maioritária de vasos de armazenamento de produtos alimentares, sólidos ou líquidos, não impede, muito pelo contrário, a adscrição da Lapa do Fumo ao mundo mágico-religioso, uma vez que as oferendas votivas foram na Antiguidade, e não só, muitas vezes maioritariamente constituídas por produtos alimentares.

Tudo indica que outras grutas com ocupação sidérica sincrónicas da Serra da Arrábida foram também utilizadas com idêntica função. É, por exemplo, o caso da Lapa da Cova, onde um vasto espólio foi recentemente identificado (CALADO *et al.* 2009; SOARES, 2012). Ao que parece, também aqui dominam as ânforas, mas artefactos de joalheria (um brinco de ouro) e um “braseiro” de bronze foram também recuperados (SOARES, 2012). Neste caso, como aliás nas cavidades conhecidas por Lapas da Janelas (*Ibidem*), a ausência de ocupações posteriores ajudaram a preservar os contextos e os materiais “nobres”, de alguma forma mais conectados com o universo religioso.

Esta utilização para a Lapa do Fumo foi já defendida para a sua ocupação da Idade do Bronze (CARDOSO, 1995, 1996), realidade que, aliás, se poderá estender a várias grutas da Baixa Estremadura (CARDOSO, 1997/1998, p. 158; CARDOSO, 1999/2000, p. 391), bem como a outras regiões do País, de acordo com a hipótese formulada pelos autores que estudaram os espólios da Gruta da Ladroeira Grande, em Moncarapacho (GOMES & CALADO, 2007).

6 – A OCUPAÇÃO SIDÉRICA DA LAPA DO FUMO E O SEU ENQUADRAMENTO LOCAL E REGIONAL

A Idade do Ferro do curso inferior e do estuário do Sado está relativamente bem caracterizada, sobretudo para as suas fases iniciais. Os trabalhos arqueológicos em Alcácer do Sal, em Setúbal e em Abul permitiram, de facto, traçar um quadro relativamente nítido para o estuário do Sado, mais especificamente para o seu curso médio e para a foz, especialmente para um momento compreendido entre o século VII e o V a.C.

Parece importante começar por lembrar que esta 1.^a Idade do Ferro do baixo Sado está imbuída de um profundo orientalismo que se manifesta quer nas arquitecturas, quer nos espólios e até mesmo nos rituais funerários. Que essa orientalização resultou da chegada, por via marítima, de populações com origem em áreas fortemente tocadas pela colonização fenícia, concretamente a Andaluzia ocidental, parece ser um dado indiscutível. Também não restam dúvidas que, à semelhança do que sucedeu em outras áreas peninsulares, a partir do século V a.C. a área evolui culturalmente para um regionalismo acentuado, ainda que a matriz oriental tenha permanecido. E é a essa mesma matriz cultural que podem associar-se os espólios da Lapa do Fumo, bem como a própria função que a Gruta poderá ter desempenhado.

No que se refere à Serra da Arrábida em concreto, os dados sobre a Idade do Ferro não abundam, e aos que existem não tem sido dada a devida importância, permanecendo na obscuridade muitas informações relevantes para o estudo da ocupação sidérica da fachada ocidental da Península Ibérica.

Para além das já citadas cavidades naturais (Cova da Lapa e Lapas das Janelas), com ocupações coevas daquela que nos coube analisar (SOARES, 2012), e de que se espera a publicação detalhada dos resultados, outras realidades existem que merecem ser ainda mencionadas.

A necrópole do Casalão, descoberta em Santana, Sesimbra, em 1956 (SERRÃO, 1964), foi quase sempre ignorada nas diversas sínteses produzidas sobre o mundo funerário sidérico da fachada ocidental (ARRUDA, 2000, 2004, 2009), com raríssimas excepções (CARDOSO, 2000), embora conste no recém-publicado Dicionário de Arqueologia Portuguesa (VILAÇA, 2012). No entanto, trata-se de cinco sepulturas de tipo cista, com inumações, relativamente bem conservadas, que forneceram algum espólio, ainda que escasso e particularmente mal conservado. Para esta necrópole existe, inclusivamente, uma datação de radiocarbono (SERRÃO, 1964). Ainda assim, os dados são realmente escassos, merecendo, todavia, destaque a pequena faca afalcatada de ferro, o anel, a pinça e a fíbula (*Ibidem*). A datação radiométrica obtida, 2290±40 BP, permite perspectivar uma utilização centrada nos séculos IV e III a.C. (*Ibidem*), o que parece entrar em contradição com o único artefacto que poderia fornecer uma datação aproximada, se, porventura, a sua classificação fosse fácil de concretizar. Com efeito, da fíbula resta

apenas a mola, bilateral de seis voltas, e o fusilhão, de secção circular (*Ibidem*), o que, ainda assim, permite supor estarmos perante uma fíbula de tipo Achébuchal, cuja integração no século VII/VI a.C. é, neste momento, aceite, considerados os dados arqueológicos mais recentes, mas que, contudo, pode baixar até aos inícios do seguinte. Uma cronologia do século VI a.C. para a necrópole do Casalão é, ainda assim, a mais provável, tendo em consideração o conjunto dos materiais, que se incluem em categorias e tipos que integram vários conjuntos funerários que apontam para estas datas.

Uma outra necrópole, Vale da Palha, foi também intervencionada por Cunha Serrão, tratando-se igualmente de inumações em cista (SERRÃO, 1964). Neste caso, os dados resumem-se a duas taças de cerâmica cinzenta, cujas características morfológicas e de fabrico apontam, contudo, para a sua inclusão na Idade do Ferro, e não na Antiguidade Tardia, como foi proposto (SERRÃO, 1975).

A ocupação da Lapa do Fumo insere-se pois num espaço cujos dados revelam uma densidade populacional considerável durante o 1º milénio. Com efeito e para além dos santuários e das necrópoles, já citados, há indicações de povoados, como o da Serra da Cela, do Bico dos Agulhões e mesmo do Castelo dos Mouros (SOARES, 2012). Infelizmente, faltam nestes últimos elementos que os definam do ponto de vista da cronologia concreta e da sua integração numa matriz cultural mais específica.

Os materiais que estudámos permitem ainda outro tipo de considerações, concretamente no que diz respeito às realidades do ocidente peninsular durante a Idade do Ferro. Por um lado, alguns deles, como os *pithoi*, remetem indiscutivelmente o processo de orientalização que afectou toda esta área, bem como o Sul e NE da Península, integrando formas comuns a outros sítios do Sado (Alcácer, Abul, Setúbal), mas também do Tejo (Almaraz, Lisboa, Santarém), do Mondego (Conímbriga, Santa Olaia) e do Algarve (Castro Marim, Tavira), para falar exclusivamente dos do actual território português. Outros, porém, contribuem para desenhar, com mais nitidez, os traços do fenómeno de regionalização que atingiu todas aquelas áreas, a partir dos finais do século VI a.C., quando se começaram a esboçar novas identidades territoriais, materializadas em espólios diferenciados ao nível decorativo e formal, mesmo que um passado comum confira, a quase todos, um inegável “ar de família”. É o momento em que a unicidade, forjada a partir da colonização fenícia, se começou a esfumar, construindo-se então um cenário de apreciável diversidade e variabilidade, ainda que partilhando um legado relativamente homogéneo.

AGRADECIMENTOS

Ao Dr. Luís Raposo, então Director do Museu Nacional de Arqueologia, de quem partiu o convite a um de nós (J.L.C.) para o estudo dos espólios da Lapa do Fumo pertencentes à Colecção Gustavo Marques, então em depósito naquela Instituição.

À Câmara Municipal de Sesimbra, actual detentora dos espólios da Colecção Gustavo Marques, por ter gentilmente franqueado o acesso aos mesmos, tendo em vista a realização do presente trabalho.

REFERÊNCIAS

AAVV (2009) – *O tempo do Risco. Carta arqueológica de Sesimbra*. Sesimbra.

ARNAUD, J. M.; GAMITO, T. J. (1974/1977) – Cerâmicas estampilhadas da Idade do Ferro do sul de Portugal. I – Cabeça de Vaia Monte – Monforte. *O Arqueólogo Português*, 3, 7/9, p. 165-202.

- ARRUDA, A. M. (1999-2000) – *Los Fenicios en Portugal. Fenicios y mundo indígena en el centro y sur de Portugal (siglos VIII-VI a.C.)*. Barcelona (Cuadernos de Arqueología Mediterránea, 5- 6).
- ARRUDA, A. M. (2000) – Práticas e rituais funerários no Sul de Portugal durante a Proto-História. In *Actas do 3º Congresso de Arqueologia Peninsular*. Porto: 5, p. 101-108.
- ARRUDA, A. M. (2004) – Necrópoles Proto-Históricas do Sul de Portugal: o mundo oriental e orientalizante. In Gonzalez Prats (Ed.) *Temas fenicios: O mundo funerário*. Alicante: p. 457-494.
- ARRUDA, A. M. (2009) – Os espaços funerários e a construção das novas entidades sociais e culturais do Extremo Ocidente Europeu (1º milénio a.C.). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*, 7, p. 513-520.
- ARRUDA, A. M.; FERREIRA, M.; SOUSA, E.; LOURENÇO, P.; LIMA, J.; CARVALHO, A. (no prelo) – Contributos para o conhecimento da Idade do Ferro de Alcácer do Sal: os dados da Rua do Rato.
- ARRUDA A. M., VIEGAS, C.; ALMEIDA, M. J. (2002) – *De Scallabis a Santarém*. Lisboa.
- AUBET, M. E. (1982) – *El santuario de Es Cuieram* (Trabajos del Museo Arqueológico de Ibiza 8). Ibiza.
- AUBET, M. E.; MASS-LINDEMANN, G.; SCHUBART, H. (1979) – Chorreras. Un establecimiento fenicio al Este de la desembocadura del río Algarrobo. *Noticiário Arqueológico de España*, 6, p. 89-138.
- BARROS, L. & SOARES, A. M. (2004) – Cronologia absoluta para a ocupação orientalizante da Quinta do Almaraz, no estuário do Tejo (Almada, Portugal). *O Arqueólogo Português*, IV, 22, pp. 333-352.
- BELÉN, M. & PÉREZ, J. (2000) – Gorham's Cave, un santuario en el Estrecho. Avance del estudio de los materiales cerámicos. In (M. Barthelemy e M. E. Aubet, eds.), *Actas del IV Congreso Internacional de Estudios Fenicios y Púnicos*. Cádiz: 2, p. 531-542.
- BERROCAL RANGEL, L. (1992) – *Los pueblos célticos del Suroeste de la Península Ibérica* (Serie Complutum Extra). Madrid.
- BERROCAL RANGEL, L. (1994) – *El Altar prerromano de Capote. Ensayo etno-arqueológico de un ritual céltico en el Suroeste Peninsular*. Madrid.
- C.M.S. (s/d) – *Estações arqueológicas. Concelho de Sesimbra*. Sesimbra.
- CABRÉ, J. (1936) – El tesoro de plata de Salvacañete (Cuenca). *Archivo Español de Arte y Arqueología*, 35, p. 151-159.
- CARDOSO, J. L. (1990) – A presença oriental no povoamento da I Idade do Ferro na região ribeirinha no estuário do Tejo. *Estudos Orientais I – Presenças orientalizantes em Portugal: da pré-história ao período romano*, 1, p. 119-134
- CARDOSO, J. L. (1995) – As cerâmicas de ornatos brunidos da Lapa do Fumo. In JORGE, S. O., coord., *A Idade do Bronze em Portugal. Discursos de Poder. Catálogo da exposição realizada no Museu Nacional de Arqueologia*. Lisboa: 88.
- CARDOSO, J. L. (1996) – O Bronze Final da Baixa Estremadura e as cerâmicas de ornatos brunidos da Lapa do Fumo (Sesimbra). *Sesimbra Cultural*, 5, p. 6-14.
- CARDOSO, J. L. (1999/2000) – Aspectos do povoamento da Baixa Estremadura no decurso da Idade do Bronze. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*, 8, p. 355-413.

- CARDOSO, J. L. (2000) – Manifestações funerárias da Baixa Estremadura no decurso da Idade do Bronze e da Idade do Ferro (II e I milénios A. C.): breve síntese. In *Actas do 3º Congresso de Arqueologia Peninsular*, 5, Porto: p.61-100.
- CARDOSO, J. L. (2012) – *Arqueologia do concelho de Oeiras. Do Paleolítico inferior arcaico ao século XVIII*. Oeiras: Câmara Municipal de Oeiras.
- CARDOSO, J. L.; LEITÃO, M.; FERREIRA, O. DA VEIGA; NOTON, J. (1997/1998) – As cerâmicas de ornatos brunidos da gruta do Correio – Mor (Loures). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*, 7, p. 155-167.
- CULICAN, W. (1972) – Phoenician remains from Gibraltar. *Australian Journal of Biblical Archaeology*, 1, 5, p. 110-145.
- FERNADEZ URIEL, P. (1998) – Algunas anotaciones sobre la abeja y la miel en el mundo antiguo. *Espacio, Tiempo y Forma. História Antigua*, 2, 1, p. 185-208.
- FERNADEZ URIEL, P. (2004) – Representación y simbolismo de las abejas en la numismática Antigua. *Akros*, 3, p. 27-40.
- FERNADEZ URIEL, P. (2011) – *Dones del cielo, abeja y miel en el Mediterraneo Antiguo*. Madrid.
- GARCÍA VARGAS, E. (1996) – La producción anfórica en la Bahía de Cádiz durante la República como índice de Romanización. *Habis*, 27, pp. 49-57.
- GOMES, F. (No prelo) – Uma necrópole esquecida. O Casalão de Santana (Sesimbra).
- GOMES, M. V. & CALADO, D. (2007) – Conjunto de cerâmicas da gruta da Ladroeira Grande (Moncarapacho, Olhão, Algarve) e os santuários subterrâneos, da Idade do Bronze Final, no Sul de Portugal. *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 10, 1, p. 141-158.
- GUERRERO AYUSO, V. (1991) – El Palacio-Santuario de Cancho Roano (Badajoz) y la comercialización de ánforas indígenas. *Rivista di Studi Fenici*. Roma. 19:1, pp. 49–82.
- GUTIÉRREZ, J. M.; REINOSO, M. C.; GILES, F.; FINLAYSON, J. C. (2001) – Nuevos estudios sobre el santuario de Gorham's Cave (Gibraltar). In *Actas de las VI Jornadas de Historia del Campo de Gibraltar (Gibraltar 2000)*, Almoraima 25. Algeciras, p. 13-30.
- GUTIÉRREZ, J. M.; REINOSO, M^a. C.; GILES, F.; FINLAYSON, J. C.; SÁEZ, A. M. (2013) – La Cueva de Gorham (Gibraltar): un santuario fenicio en el confín occidental del Mediterráneo. In F. Prados, I. García y G. Bernard (eds.) *Confines. El extremo del mundo durante la Antigüedad*. Alicante: p. 303-381.
- GUTIÉRREZ, J. M.; REINOSO, M^a. C.; SÁEZ, A. M.; GILES, F.; FINLAYSON, J. C. (2012) – Las ofrendas de Han-nón. El santuario de Gorham's Cave (Gibraltar) y la navegación cartaginesa atlántico-mediterránea. *L'Africa Romana XIX, Sassari 2010*. Roma. p. 2955-2970.
- MARQUES, L. & MOTA, A. (1993, coord.) – *O património arqueológico do distrito de Setúbal. Subsídios para uma carta arqueológica*. Setúbal.
- MAYET, F. & SILVA, C. T. (1999) – *L'établissement phénicien d'Abul. Portugal*. Paris.
- MUNÕZ VICENTE, A. (1993) – Las cerâmicas fenicio-púnicas de origen submarino del área de la Caleta (Cádiz). *Cuadernos de Prehistoria y Arqueología Castellonenses*, 15.
- NICOLINI, G. (1990) – *Techniques des Ors Antiques. La bijouterie ibérique du VIIe siècle*. Paris.

- NIEUWENDAM, L & SANTOS, R. (2008) – *Villa romana de Vilares, Cascais*. Trabalhos arqueológicos em 2007-2008. *Al-madan online adenda electronica*, II série, 16.
- PAGE DEL POZO, V. (1984) – *Imitaciones de influjo griego en la cerámica ibérica de Valencia, Alicante y Murcia*, Madrid.
- PERDIGONES MORENO, L. & MUÑOZ VICENTE, A., (1990) – Excavaciones arqueológicas de urgencia en los hornos de Torre Alta. San Fernando, Cádiz. In *Anuario Arqueológico de Andalucía/1988*. Sevilla, 3, p. 106-112.
- PIMENTA, J. (2005) – *As ânforas romanas do Castelo de São Jorge*. Trabalhos de Arqueologia, 41. Lisboa.
- PIMENTA, J. & AMARO, C. (no prelo) – Sobre as mais antigas ocupações da Casa dos Bicos – Lisboa. Da *Olisipo* pré-romana aos primeiros contactos com o mundo itálico.
- PIMENTA, J. & MENDES, H. (2008) – Descoberta do povoado pré-romano de Porto do Sabugueiro (Muge). *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 11-2, Lisboa, p. 171-194.
- PIMENTA, J. & MENDES, H. (2010-2011) – Novos dados sobre a presença fenícia no vale do Tejo. As recentes descobertas na área de Vila Franca de Xira. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*, 18, p. 591-618.
- PIMENTA, J.; CALADO, M.; LEITÃO, M. (2005) – Novos dados sobre a ocupação pré-romana da cidade de Lisboa: as ânforas da sondagem nº 2 da Rua de São João da Praça. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa, 8, 2, p. 313-334.
- PIMENTA, J.; CALADO, M.; LEITÃO, M. (no prelo) – Novos dados sobre a ocupação pré-romana da cidade de Lisboa. A intervenção da Rua de São João da Praça. In *Actas do VI International Congress of Phoenician and Punic Studies*. (Lisboa, 2005).
- PINTO, C. & PARREIRA, R. (1978) – Contribuição para o estudo do Bronze Final e do Ferro Inicial a norte do estuário do Tejo. In *Actas das III Jornadas Arqueológicas*. Lisboa: 1, p. 147-163.
- RAMON TORRES, J. (1991) – *Las ánforas púnicas de Ibiza*. Trabajos del Museo Arqueológico de Ibiza, 23. Ibiza.
- RAMON TORRES, J. (1995) – *Las ánforas fenicio-púnicas del Mediterráneo Central y Occidental*. (Colección Instrumenta, 2) Barcelona.
- RAMON TORRES, J. (1999) – La cerámica fenicia a torno de As Caleta (Eivissa), In *La cerámica fenicia en Occidente. Centros de producción y áreas de comercio (Actas del I Seminario Internacional sobre temas fenicios*. Alicante: p. 149-214.
- RAMON TORRES, J.; SÁEZ ESPLIGARES, A.; SÁEZ ROMERO, A.; MUÑOZ VICENTE, A. (2007) – *El taller alfarero tardoarcaico de Camposoto (San Fernando, Cádiz)*. Sevilha.
- RIBEIRO, J. C. (2002) – *Soli Aeterno Lunae*. O santuário”. In *Religiões da Lusitânia – Loquuntur Saxa*. Lisboa: p. 235-239.
- RIBEIRO, O.; LAUTENSACH & DAVEAU, S. (1987) – *Geografia de Portugal*. Lisboa: Edições João Sá da Costa.
- ROCHA, A. (1904) – Estudo sobre um artefacto pré-romano d'ouro descoberto no Algarve. *Boletim da Sociedade Archeologica Santos Rocha*, 1, 2, p. 64-67.
- SÁEZ ROMERO, A. M. (2005) – Epigrafia anfórica de Gadir (siglos III-II a.C.). *Caetaria*, 4-5, p. 63-81.
- SÁEZ ROMERO, A. M. (2007) – El fenómeno del estampillado anfórico en el alfar tardopúnico gadirita de Torre Alta – Balance historiográfico y novedades. *Vipasca Arqueologia e História*, 2, 2ª série, p. 307-317.

- SANCHEZ, C. (1985) – *Imitaciones Ibéricas de cerámica atica en Andalucía in Ceràmiques gregues i hellenistiques a la península ibérica*. Barcelona, 1985.
- SERRÃO, E. DA CUNHA (1964) – *A Necrópole Proto-Histórica do Casalão (Santana – Sesimbra)*. Setúbal: Junta Distrital de Setúbal.
- SERRÃO, E. DA CUNHA (1975) – Contributos arqueológicos do sudoeste da península de Setúbal. *Setúbal Arqueológica*. Setúbal. 1, p. 199-225.
- SERRÃO, E. DA CUNHA (1978) – A Lapa do Fumo. *Trabalhos do Grupo de Estudos Arqueológicos do Porto*. Porto.1, p. 27-55.
- SERRÃO, E. DA CUNHA (1994) – *Carta arqueológica do concelho de Sesimbra*. Lisboa: Câmara Municipal de Sesimbra.
- SERRÃO, E. DA CUNHA & MARQUES, G. (1971) – Estrato pré-campaniforme da Lapa do Fumo (Sesimbra). In *Actas do II Congresso nacional de Arqueologia (Coimbra, 1970)*. Coimbra, 1, p. 121-142.
- SILVA, C. T. & SOARES, J. (1986) – *Arqueologia da Arrábida*. (Coleção Parques naturais, 15). Lisboa.
- SILVA, C. T. & SOARES, J. (2012) – Castro de Chibanés (Palmela). Do III milénio ao século I a.C. In *Palmela Arqueológica no Contexto da Região Interestuarina Sado-Tejo*. Palmela: pp. 67-87.
- SILVA, C. T.; SOARES, J.; BEIRÃO, C. M.; DIAS, L. F.; COELHO-SOARES, A. (1980-81) – Escavações arqueológicas no Castelo de Alcácer do Sal (campanha de 1979). *Setúbal Arqueológica*. 6-7, p. 149-218.
- SOARES, J. & SILVA, C. T. (1986) – Ocupação pré-romana de Setúbal: Escavações arqueológicas na Travessa dos Apóstolos. *Trabalhos de Arqueologia (Actas do I Encontro Nacional de Arqueologia Urbana)*. Lisboa, 3, p. 87-101.
- SOARES, R. (2012) – Dissertação de mestrado apresentada à Universidade de Lisboa. Edição policopiada.
- SOUSA, E. (2011) – *A ocupação pré-romana da foz do estuário de Tejo durante a segunda metade do 1º milénio a.C.* Dissertação de doutoramento apresentada à Universidade de Lisboa. Edição policopiada.
- SOUSA, E. & PIMENTA, JOÃO (no prelo) – A produção de ânforas no Estuário do Tejo durante a Idade do Ferro. In *Actas do II Congreso Internacional de la SECAH – Ex Officina Hispania*. Braga, 2013.
- SPARKES, B. & TALCOTT, L. (1970) – *The Athenian Agora, XII, Black and Plain Pottery of the 6th, 5th, and 4th Centuries B.C.* Princeton.
- VILAÇA, R. (2013) – Casalão. In J. Alarcão; M. Barroca (Eds.) *Dicionário de Arqueologia Portuguesa*. Porto: Figueirinhas, p. 84.
- VILAÇA, R. & ARMBRUSTER, B. (2012) – O disco de ouro da necrópole de Fonte Velha de Bensafrim. In *Santos Rocha, a arqueologia e a sociedade do seu tempo*. Figueira da Foz: p. 153-170.
- ZAMORA LÓPEZ, J. A.; GUTIÉRREZ LÓPEZ, J. M.; REINOSO DEL RÍO, M. C.; SÁEZ ROMERO, A.; GILES PACHECO, F.; FINLAYSON, J. C.; FINLAYSON, G. (2013) – Culto y culturas en la cueva de Gorham (Gibraltar): La historia del santuario y sus materiales inscritos. *Complutum*, 24, p. 113-130.